

**ENTRE MUHAMMAD ALI E BESOURO “NEGRAS HISTÓRIAS”
SUPRIMIDAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
NOTAS REFLEXIVAS DE UMA AUTOETNOGRAFIA CRÍTICA**

**BETWEEN MUHAMMAD ALI AND BESOURO “BLACK STORIES”
SUPPRESSED IN THE SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CURRICULUM:
REFLECTIVE NOTES FROM A CRITICAL AUTOETHNOGRAPHY**

**ENTRE MUHAMMAD ALI Y BESOURO “HISTORIAS NEGRAS”
SUPRIMIDAS EN EL CURRÍCULO DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR:
NOTAS REFLEXIVAS DESDE UNA AUTOETNOGRAFÍA CRÍTICA**

Márcio Cardoso Coelho

<http://orcid.org/0000-0003-2578-6719> 

<http://lattes.cnpq.br/6335896669903869> 

Prefeitura Municipal de Porto Alegre (Porto Alegre, RS – Brasil)

coelhocardosomarcio@gmail.com

Daniel Teixeira Maldonado

<https://orcid.org/0000-0002-0420-6490> 

<http://lattes.cnpq.br/5911977104843227> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

danielmtmaldonado@yahoo.com.br

Samuel Nascimento de Araújo

<https://orcid.org/0000-0003-3601-0617> 

<http://lattes.cnpq.br/7087249213667206> 

Prefeitura Municipal de Guarani das Missões (Guarani das Missões, RS – Brasil)

araujoedf@hotmail.com

Leandro Oliveira Rocha

<https://orcid.org/0000-0001-8404-1261> 

<http://lattes.cnpq.br/5053031416763217> 

Universidade do Vale do Taquari (Lajeado, RS – Brasil)

leandro.o.rocha@hotmail.com

Fabiano Bossle

<https://orcid.org/0000-0002-9048-6109> 

<http://lattes.cnpq.br/5973186167388983> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

fabiano.bossle@ufrgs.br

Resumo

O objetivo deste artigo é reconhecer as negras histórias e afrorreferências que são suprimidas dos currículos escolares e da Educação Física. Para tanto, propusemos uma discussão que emerge de uma pesquisa que se constituiu em uma autoetnografia crítica, realizada com turmas de educação infantil e Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, no ano letivo de 2022, entre os meses de fevereiro e dezembro, com uma carga horária semanal de quarenta horas. Ao longo desse trabalho, com duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental, foram abordadas as temáticas de lutas e esportes de combate, reconhecemos duas “negras



histórias” que não poderiam ser suprimidas dos currículos escolares: Muhammad Ali e Besouro. Inferimos, assim, possibilidades de reconhecer e evitar o apagamento de importantes afroreferências no currículo escolar e da Educação Física.

Palavras-chaves: Negras Histórias; Muhammad Ali; Besouro; Educação Física Escolar; Autoetnografia Crítica.

Abstract

The objective of this article is to recognize the Black histories and Afro-references that are suppressed from school curricula and Physical Education. To this end, we proposed a discussion that emerged from a critical autoethnographic study conducted with preschool and elementary school classes at a Porto Alegre Municipal School System in the 2022 school year, between February and December, with a weekly workload of forty hours. Throughout this work, with two eighth-grade elementary school classes, we addressed the themes of fighting and combat sports. We recognized two "Black histories" that should not be suppressed from school curricula: Muhammad Ali and Besouro. Thus, we infer possibilities for recognizing and avoiding the erasure of important Afro-references in school and Physical Education.

Keywords: Black Stories; Muhammad Ali; Besouro; School Physical Education; Critical Autoethnography.

Resumen

El objetivo de este artículo es reconocer las historias negras y las referencias afro que se suprinen en los currículos escolares y de Educación Física. Para ello, propusimos una discusión derivada de un estudio autoetnográfico crítico realizado con clases de preescolar y primaria en el Sistema Escolar Municipal de Porto Alegre durante el año escolar 2022, entre febrero y diciembre, con una carga horaria semanal de cuarenta horas. A lo largo de este trabajo, con dos clases de octavo grado de primaria, abordamos los temas de la lucha y los deportes de combate. Reconocemos dos "historias negras" que no deberían suprimirse de los currículos escolares: Muhammad Ali y Besouro. De este modo, inferimos posibilidades para reconocer y evitar la supresión de importantes referencias afro en los currículos escolares y de Educación Física.

Palabras claves: Historias Negras; Muhammad Ali; Besouro; Educación Física Escolar; Autoetnografía Crítica.

INTRODUÇÃO

Recentemente, um jornal de grande circulação do sul do Brasil, jornal Zero Hora no seu caderno comportamento (Bengo, 2023), veiculou uma grande reportagem sobre Manoel Padeiro, conhecido como “General”, um dos maiores líderes quilombistas e antiescravagistas da região sul do Rio Grande Sul, por volta de 1830. O “General” como ficou conhecido, liderou vários quilombos nessa região, sendo o Quilombo dos Tapes o mais importante. Manuel Padeiro liderou a resistência ao escravagismo na região de Pelotas, invadindo fazendas, estâncias e as charqueadas com seus destemidos companheiros libertando negros e negras escravizados e escravizadas daquela região.

A reportagem também entrevistou os quilombolas remanescentes do Quilombo dos Tapes que contam com muito orgulho sobre sua descendência e sobre o “General” Manuel Padeiro, também conhecido como o “Zumbi do sul” esperando ainda a regulamentação da região como área quilombola. Tal história me trouxe um enorme encantamento e curiosidade de saber por que os feitos heroicos do “Zumbi do sul” não estão nos livros escolares? Por que nossos estudantes não sabem nada sobre ele? Nessa reflexão se constata o apagamento das histórias negras em um currículo pautado pela lógica da racionalidade ocidental, baseada na





visão dos “vencedores”. Por que será que as “negras histórias” não são contadas? Será que a história do “Zumbi do Sul” não desenvolve as tais habilidades e competências? Ou o receio é exatamente esse, que contando “negras histórias” como a do General Manoel Padeiro, de Muhammad Ali e de Besouro, os estudantes desenvolvam consciência crítica e passem a problematizar as tais habilidades e competências, já que agora a formação parece estar como um objetivo secundário.

É sobre tais problematizações que se trata esse texto que aborda o reconhecimento de Muhammad Ali e de Besouro como referências negras importantes a serem conhecidas pelos estudantes, através da temática lutas do mundo e do Brasil (boxe e capoeira) desenvolvidos nas aulas de Educação Física de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre ao longo de uma pesquisa que culminou em uma recente tese de doutoramento caracterizada como uma autoetnografia crítica que versa sobre negritude e Educação Física escolar. Na nossa concepção, negritude é a relação intersubjetiva do conjunto de experiências negras no mundo (Gomes, 2003). O objetivo desse texto é reconhecer as negras histórias e afrorreferências que são suprimidas dos currículos escolares e da Educação Física. Para tanto partimos de uma questão orientadora para nossa escrita: como podem as negras histórias e afrorreferências passar a serem contadas e valorizadas no fazer didático-pedagógico da Educação Física escolar? A seguir abordaremos a autoetnografia crítica como desenho teórico metodológico, após em duas seções abordaremos o trabalho realizado com a unidade didática esportes de combate lutas, nas quais falaremos sobre nosso trabalho com a unidade temática boxe e o estudo sobre Muhammad Ali, e a temática capoeira e o estudo sobre Manuel Henrique Pereira, o Besouro, no qual, trabalhamos através do filme homônimo, para por fim, tecermos nossas considerações finais.

MATERIAIS E MÉTODOS

A autoetnografia vem cada vez se consolidando como um dos modelos de estudos autorreferentes que vem obtendo visibilidade e destaque no campo de pesquisas em Educação Física escolar (Bossle, 2008; Cruz, 2017; Rocha, 2019; Bins, 2020; Rodrigues, 2020; Araújo, 2021; Sousa, 2021; Nunes, 2024). Segundo Holt (2003), a autoetnografia permite ao professor examinar suas experiências docentes de forma autorreflexiva objetivando evolução no seu fazer didático pedagógico, baseando-se nas experiências culturais compartilhadas.





Com base nas informações apresentadas, considerar as experiências como fonte de informações de pesquisa e localizar o autor da investigação como sujeito que vive e constrói a cultura investigada são aspectos centrais da pesquisa autoetnográfica (Rocha; Araujo; Bossle, 2018, p. 175).

As experiências culturais compartilhadas do autor principal deste texto, um professor negro de Educação Física, com mais de duas décadas de atuação docente em redes públicas de ensino, cotejadas com sua negra história de vida, com as negras histórias de vida de seus estudantes, permitem através da reflexividade uma profunda reconstrução da prática educativa (Rocha *et al.*, 2023).

Nesse ínterim, entendemos a autoetnografia como uma possibilidade descolonizada de pensar a pesquisa científica, como uma possibilidade de construção de conhecimento científico “às margens da cultura dominante” (Spry, 2001, p. 710), sendo uma clara contraposição ao modelo positivista e colonialista de fazer e entender ciência. Essa pesquisa caracterizou-se como uma autoetnografia crítica pois preocupou-se em desvelar as mazelas da opressão à negritude na cultura particular e compartilhada da escola, sendo possível “incluir no interior da própria pesquisa a tensão dialética entre teoria e prática” (Rocha *et al.*, 2023). Ainda no contexto da pesquisa autoetnográfica, é importante trazer algumas informações sobre a escola em que a mesma foi realizada.

Uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, com cerca de quinhentos estudantes que funciona nos turnos da manhã e da tarde, onde o autor principal deste artigo, um professor negro de Educação Física, atua desde 2014, com turmas da Educação infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, com uma carga horária de quarenta horas semanais. Esta pesquisa ocorreu entre os meses de fevereiro e dezembro no ano letivo de 2022, com as turmas em que o autor principal desse texto leciona o componente curricular Educação Física, os instrumentos para a coleta de informações foram: diário de pesquisa (notas escritas e em áudio), participante observação, análise de documentos e diálogos. Este estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos em pesquisa envolvendo seres humanos e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 50777621.0.0000.5347; Parecer nº 4.978.302). Todos os custos desta pesquisa ficaram por conta dos próprios pesquisadores.





Muhammad Ali: a negra história do pan-africanista e “lutador bailarino”

Um dos aspectos trabalhados ao longo do estudo com a unidade temática lutas com as turmas do oitavo ano do ensino fundamental foi entender a historicidade como possibilidade de iniciar o trabalho didático pedagógico e através da reflexividade característica da autoetnografia crítica, fazer um estudo com densidade sobre o boxe e suas principais referências. Buscamos então, trazer a história de uma das maiores referências do Boxe, Cassius Marcellus Cley (nome de registro) que depois da conversão ao islamismo passou a se chamar Muhammad Ali, como forma de abordar criticamente seus posicionamentos antirracistas e pacifistas para além da fantástica forma atlética e da técnica exuberante de um lutador realmente completo. Uma negra história fascinante que deveria pautar um amplo debate sobre como nosso currículo escolar poderia trazer e valorizar as afrorreferências, para que essas “negras histórias” pudesse ser contadas de uma forma diferente, com respeito, longe da via do exótico ou folclórico. Mas como essas afrorreferências símbolo da negritude estão (ou deveriam estar) na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? Encontramos a seguinte descrição sobre a unidade temática lutas:

A unidade temática Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.) bem como lutas de diversos países do mundo (judô, aikido, jiu-jitsu, muay thai, boxe, chinese boxing, esgrima, kendo etc.) (Brasil, 2018, p. 218).

Na unidade temática lutas, percebe-se que o componente técnico para o desenvolvimento de “habilidades” e “competências” parece desconsiderar a construção histórica e a função social dessas manifestações da cultura corporal de movimento que foram, dessa forma, alocadas em diferentes matrizes. Descrito dessa forma, parece que a unidade temática esporte na categoria de combate transcreve a maneira com que essas lutas tiveram seu processo de esportivização:

Combate: reúne modalidades caracterizadas como disputas nas quais o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa (judô, boxe, esgrima, tae kwon do etc.) (Brasil, 2018, p. 217).

Ainda problematizando a forma como o documento foi produzido e a lógica na qual está pautado nos questionamos: como a negritude e a sua potencialidade ancestral





podem estar inseridas no trabalho pautado por uma racionalidade antagônica a essa ancestralidade? Neste aspecto, algumas pesquisas na área da Educação Física escolar, vem apontando alternativas interessantes para problematizar as estruturas coloniais do currículo e ao mesmo tempo estabelecer uma forma de promover educação antirracista nas práticas pedagógicas e no trato com os conteúdos, estabelecendo estas relações com atletas negros, problematizando como o esporte pode reproduzir as nuances da estrutura social no que tange ao negro, seu corpo, cultura e como tais aspectos estão estabelecidos no currículo de inspiração colonial. Entre tais estudos, podemos citar (Pereira; Silva, 2020; Carmo; Bonfim; Pereira, 2021). Talvez a transgressão e a resistência, como aponta Rufino, possa ser uma possibilidade:

É nesse sentido que faço estripulias nas frestas, sucateando a "pureza" do que está situado nas "zonas de certezas" da amarração colonialismo/ciência/cristianização. Afinal, meus camaradinhos, Exu é o que substancia o contragolpe à colonialidade, uma rasura, um cruzo e uma traquinagem em tom de feitiço. As encruzilhadas nos apontam múltiplos caminhos, outras possibilidades. Assim, a compreensão acerca da política emerge também como um saber na fronteira, angariando os espaços vazios, praticando as dobras da linguagem e escapando dos limites propostos por razões totalitárias. Por aqui, a poética é política, emergem outras formas de dizer que reivindicam outro senso. Revela-se a dimensão lúdica da vida e o caráter cruzado das invenções praticadas nas travessias da enrua transatlântica (Rufino, 2019, p. 82).

No começo do trabalho com o boxe com as turmas de oitavo ano (uma turma no turno da manhã e outra no turno da tarde) foi explicado de que forma o trabalho seria conduzido, com uma parte histórica, técnica e de reconhecimento do boxe como luta e, também, como modalidade esportiva. Nesse momento foi explicado também que conhaceríamos a vida e a história de um ícone negro desse esporte chamado Muhammad Ali, foi perguntado também sobre se conheciam ou se já haviam ouvido falar sobre ele, a esmagadora maioria não sabia de quem se tratava. Então foi explicado aos estudantes sobre quem era e como viveu este atleta, sobre o grande campeão que foi dentro da modalidade esportiva, mas, sobretudo o pan-africanista, pacifista e defensor dos direitos humanos. Um ícone da negritude.

No terceiro período (turno da manhã) fui então trabalhar o texto de minha autoria "Boxe, cultura negra e antirracismo", que desenvolvi ainda em 2020, na época da pandemia e das aulas remotas. Nesse texto, faço uma ligação do boxe com a cultura negra nos EUA e toda a questão da antinegritude que é a base daquela sociedade. O texto inicia fazendo uma referência ao cidadão negro estadunidense George Floyd, assassinado pela polícia em 25/05/2020 e fala também sobre Muhammad Ali e sua atuação como esportista, pacifista e





ativista da causa negra. Os estudantes ficaram curiosos por conhecer essa história. No início lembrei de um estudante que perguntou na primeira aula sobre boxe se estudaríamos sobre Ali, então iniciei com essas considerações. Um estudante perguntou: "Esse Ali era negrão, sor"? Eu disse que sim. Então ele disse: "só podia ser negrão, para ter que passar por tudo isso", quando falei sobre a história de vida de Ali. Essa leitura feita por um estudante negro que com toda a certeza sabe e entende o porquê das perseguições, mesmo não tendo muita clareza das dimensões da mesma. Outras relações com o racismo e o uso do aparato estatal da polícia foram utilizadas no debate, que foi muito produtivo no que se refere ao boxe como modalidade esportiva e sua relação com a cultura negra e de outro lado o racismo. Falei sobre a expectativa de meninos negros nos EUA nos anos 1960 como forma de ascender socialmente. Depois um estudante perguntou: "Mas e o basquete, o beisebol e o futebol, sor"? Disse que sim, mas que nessa época o boxe era forte também. Ao final um estudante não negro pergunta: "Sor, por que o racismo é tão forte nos EUA" (Nota de diário de pesquisa 05/04/2022).

Ainda nessa mesma semana o trabalho com a turma de oitavo ano do turno da tarde teve suas atenções voltadas para a corporeidade negra e o estilo diferenciado de luta de Ali, que segundo esses estudantes estava vinculado a essa corporeidade negra, que podemos entender como a construção social e histórica do corpo negro e as relações intersubjetivas de afirmação desse corpo, pela via da cultura corporal e afirmativamente estética (Mattos, 2021). Corporeidade essa, que lhe conferia a alcunha de "lutador bailarino".

No segundo período (turno da tarde) trabalhei o texto: "Boxe, cultura negra e antirracismo" o trabalho de leitura se deu de forma diferente da turma 81, que focou no debate do racismo, Na turma 82, os estudantes analisaram o texto pelo viés da corporeidade. Fizeram uma interessante ligação da cultura do boxe, com a corporeidade negra, que segundo a turma, lhe confere uma forma diferente, um estilo único de luta. Quando leram sobre Muhammad Ali no texto, um dos estudantes, imediatamente fez essa relação, trazendo inclusive que o personagem "Apollo Creed", do filme "Rocky", traz as características de luta baseadas no estilo "Ali" de lutar. Fiquei muito satisfeito com esse "link" (Nota de diário de pesquisa 06/04/2022).

O processo de conversão de Ali ao islamismo e sua recusa de lutar na guerra do Vietnã chamaram a atenção dos estudantes, sua prisão arbitrária e a perda da carreira esportiva por cerca de cinco anos causaram indignação e revolta nos estudantes, principalmente depois de assistirmos ao documentário disponível na plataforma Youtube, "Muhammad Ali e o racismo nos EUA" (Lima, 2020), fizemos um pequeno seminário e nossas reflexões vão de encontro às reflexões de Mariante Neto *et al.* (2010), quando considera Ali um "outsider" na sociedade americana. A proposta foi, a partir do texto trabalhado anteriormente e do documentário, realizar uma produção textual em forma de resenha crítica para poder visualizar as concepções e ideias dos estudantes com relação à negritude, ao boxe e ao racismo nos EUA.



Surgiram excelentes posicionamentos, observações e percepções, mas a corporeidade negra ainda estava se destacando

No quinto período (turno da manhã) a turma 81 assistiu ao documentário sobre a vida de Ali, que complementa o texto "Boxe, cultura negra e antirracismo", vi a turma extremamente envolvida, interessada e focada no desenrolar da história de vida e de luta de Muhammad Ali. Percebi também, um grande interesse quando foram mostradas cenas do treinamento e dos combates de Ali. Um estudante que estava bastante atento disse "Olha ali "Sor", sempre com a guarda baixa, girando sempre e dançando, parece um bailarino" Expliquei que a técnica e a grande velocidade de Ali, por vezes lhe permitia utilizar desses recursos ao longo das lutas. (Nota de diário de pesquisa 11/04/2022).

Após esse movimento de trabalhar o boxe partindo de uma negra história completamente fascinante e necessária voltamos às habilidades e às competências da BNCC para a unidade temática lutas para o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e lá estavam:

(EF89EF16) Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente. (EF89EF17) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas. (EF89EF18) Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiatização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem (Brasil, 2018, p. 239).

Considerando essa constituição do marco legal, problematizamos, onde está a negritude vivida e defendida por Ali nessas habilidades e competências? Como o corpo negro aparece minimamente representado e com visibilidade dentro das aprendizagens que se tem por expectativa desenvolver através desses objetivos de aprendizagem? Reconhecer o legado de Muhammad Ali, foi uma forma de afirmar a representatividade da negritude (Coelho; Maldonado; Bossle, 2024), como nova possibilidade de entender a vida pela coletividade e cosmovisão comunitária. Uma perspectiva diferente de ver, ser e estar no mundo. Talvez se o currículo oficial que pretende desenvolver habilidades e competências contemplasse nos objetivos de aprendizagem o reconhecimento e o estudo das afrorreferências, a afirmação de uma educação antirracista poderia ter elementos mais sólidos para a sua implementação real no âmbito da escolarização brasileira.

Besouro: uma negra história de ginga, mandinga e resistência

Além de Manoel Padeiro e Muhammad Ali, outra negra história que merece destaque e vem sendo esquecida no currículo colonizado que temos pautando a Educação Física escolar é Manuel Henrique Pereira ou Besouro, como é conhecido e tem seus feitos





cantados até hoje nas rodas de capoeira. Besouro nasceu em Santo Amaro da Purificação na região do recôncavo Baiano por volta de 1897, tendo a sua história ligada às lutas pelos direitos do povo negro que, mesmo no pós-abolição, ainda era tratado como escravizado.

A Educação Física em uma perspectiva crítica (Coelho et al., 2021) necessita de transgressão, precisa da negaça e da mandinga da capoeira para transpor as "marafundas" (Rufino, 2019) da maquinaria colonial que estão em todos os lugares, inclusive no currículo e na didática, eminentemente colonizado e colonizadora. Pensando dessa forma o estudo da capoeira não pode partir de outro ponto que não seja a reflexão crítica da posição e da situação do negro na conjuntura do "tecido social" e cultural brasileiro. O estudo da capoeira necessita localizar a condição do negro no contexto social e cultural por meio da representatividade de um expoente negro, localizando também os aspectos comunitários da coletividade negra, pois, sem esse aspecto, o trabalho se esvaziaria e a ancestralidade do ensinar, aprendendo e aprender ensinando, estaria comprometida. Iniciamos o trabalho contando uma linda história negra, com o filme Besouro (Tikhomiroff, 2009).

O filme suscitou muitas reflexões junto aos estudantes como por exemplo: a condição do negro pós-abolição, as questões econômicas do país, o acesso do negro à escolarização formal, a afro-religiosidade, a ancestralidade, o corpo negro, a oralidade, até questões mais específicas, como a esportivização da capoeira até a apropriação cultural denominada de "capoeira gospel", (Pereira, 2023, p. 119). Todos esses aspectos foram problematizados e nesse mesmo contexto, construídas reflexões potentes para além do estudo da capoeira como luta ou "esporte de combate" como classifica a BNCC, construímos aprendizagens robustas que nos permitiram entender a relevância e o significado da capoeira dentro de um contexto maior que é a negritude. Ainda no dia do seminário em que debatemos o filme, uma pergunta muito interessante surgiu: "Sor", por que em filme de negrão como principal o negrão sempre morre"? (Nota de diário de pesquisa 11/10/2022).

A interessante observação do estudante nos levou a uma reflexão bem mais profunda. Será que o protagonismo de nossas vidas e histórias não nos cabe? Quando seremos sujeitos de nossa própria história? A morte nos cabe sempre? Embora o filme retrate com fidelidade a história de besouro, portanto o protagonista precisava morrer, mas será que a forma retratada no filme, com o opressor branco sobrevivendo e matando o protagonista negro, não nos coloca no "lugar de negro" (González; Hasenbalg, 2022), esperando pela morte e com vida dada pelo branco? Essas reflexões foram produzidas no seminário do filme que





foi a introdução à temática capoeira e foram suscitadas por estudantes das turmas 81 (manhã) e 82 (tarde), estudantes de duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental de uma das escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Ficamos extremamente satisfeitos com a forma como construímos esse diálogo e essas problematizações com os estudantes, onde nos propusemos a entender a condição do negro ao longo da história do Brasil, onde nos entendemos como negros na condição de oprimidos, trouxemos também para o debate a condição do negro, a sua corporeidade, a sua afro-religiosidade, mas, principalmente, desmistificar essa dicotomia corpo/mente que também é produto desse currículo colonizado, em que quando entende-se o negro como um ser não dicotomizado, passa-se a questionar essa concepção de currículo, de visão de mundo e sociedade, construída no individualismo, na hierarquização, na classificação e nessa própria dicotomia. Passamos com isso, a construir, entender e principalmente defender uma ontoepisteme da negritude (Coelho; Maldonado; Bossle, 2024) onde o corpo negro consciente, entende sua própria existência como uma forma de produzir conhecimentos e saberes, de forma não dicotômica e não binária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor novas maneiras de pensar o currículo e suas formas colonizadas e excludentes requer pensar também em outras histórias, outros corpos, outros saberes, outras ontoepistemias, outras rationalidades, enfim, como outras ancestralidades produzem saberes e conhecimentos que também se encontram na encruzilhada da cultura escolar. Os novos marcos legais da educação brasileira pós lei 10639/03 nos dão um significativo avanço para que esse objetivo se torne realidade, mas é preciso ainda muito mais para realmente podermos falar em justiça curricular.

Ao abordamos as “negras histórias” de Muhammad Ali e de Besouro, podemos contrastar o peso histórico destas duas afrorreferências com aquilo que está escrito na Base Nacional Comum Curricular e fica nítido que nossa base carece de densidade, carece de criticidade e principalmente de entender que o povo brasileiro tem sim cor e ancestralidade, bem diferente da neutralidade fria e extremamente tecnicista em que esse documento se constitui. As “negras histórias”, precisam ser contadas (Coelho et al., 2021), assim como as histórias das etnias indígenas que compõem o povo brasileiro. Ao retomarmos a questão que orientou essa escrita, como podem as “negras histórias” e afrorreferências passar a serem contadas e valorizadas no fazer didático-pedagógico da Educação Física escolar? Entendemos



que se fazem de forma transgressora, crítica e reflexiva para além do que objetivam as “habilidades” e “competências”, que orientam a BNCC, talvez possamos falar em alcançar justiça curricular quando outras rationalidades, outros corpos e outras ontoepistemias estiverem explicitamente descritas na forma em que se objetivam alcançar as competências e habilidades, não apenas brevemente citadas no que se espera para estudantes do 3º ao 5º ano do ensino fundamental como agora.

É importante compreender as formas com que as manifestações da cultura corporal de movimento que fazem parte do currículo da Educação Física escolar possibilitam e dialogam com fatos e personagens históricos que possibilitam este diálogo e pensar crítico para além da frieza tecnicista dos documentos curriculares vigentes. É preciso ir além, avançar e trazer a discussão para as aulas e conectar os conteúdos as formas viáveis de diálogo e de reconhecimento de outros corpos, outras rationalidades, outras ancestralidades, outras ontoepistemias. As histórias precisam ser contadas, reconhecidas, valoradas, contextualizadas, temporal, cultural e socialmente, para que os estudantes percebam o avanço, o caminho trilhado por aqueles que vieram antes, para que possam perceber que a luta negra e indígena não começou agora, que nossos direitos “não caíram do céu”, mas são fruto das lutas de muitos. Muitos como Manuel Padeiro, Muhammad Ali e Besouro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Samuel Nascimento. “**Esta terra tem dono/ Co yvy oguereco yara**”: uma autoetnografia crítica da produção de resistência política de um professor de educação física de Guarani das Missões/RS. 2021. 199f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2021.

BENGO, Camila. Quem foi Manoel Padeiro, o “Zumbi dos Pampas”, que pode ser reconhecido como o primeiro herói negro do RS. **GZH Comportamento**, 21 jul. 2023. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/07/quem-foi-manoel-padeiro-o-zumbi-dos-pampas-que-pode-ser-reconhecido-como-o-primeiro-heroi-negro-do-rs-cljzsrxjn003u015loc2x3aul.html>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BINS, Gabriela Nobre. **Tecendo saberes, tramando a vida – a educação física e a pedagogia griô**: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA. 2020. 227f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS, 2020.





BOSSLE, Fabiano. **"O eu do nós"**: o professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2008. 342f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

BOSSLE, Fabiano; MOLINA NETO, Vicente. No "olho do furacão": uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista brasileira de ciência do esporte**, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CARMO. Klertianny Teixeira do; BONFIM, Marco Antonio Lima do; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. Por um ensino médio antirracista: diálogos e práticas interdisciplinares entre educação física e língua portuguesa no IFCE. In: KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GODOI, Marcos Roberto; MARTINS, Elias. **Educação física no ensino médio integrado da rede federal**: compartilhando experiências. [e-book]. Cuiabá, MT: EdUFMT Digital, 2021. Disponível em: <<https://www.edufmt.com.br/product-page/educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADcica-no-ensino-m%C3%A9dico-integrado-da-rede-federal-compartilhando-exp>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

COELHO, Márcio Cardoso *et al.* "Negras histórias que não se contam": aproximações problematizadoras sobre negritude na Educação Física escolar crítica. In: ROCHA, Leandro Oliveira; COELHO, Márcio Cardoso; ARAÚJO, Samuel Nascimento (Org.). **Educação física escolar crítica**: experiências em diálogo. Curitiba, PR: CRV, 2021.

COELHO, Márcio Cardoso; MALDONADO, Daniel Teixeira; BOSSLE, Fabiano. Batuque é um privilégio, ninguém aprende samba no colégio: epifanias autoetnográficas da invisibilização do corpo negro e da negritude na BNCC da educação física. **Dialogia**, n. 49, p. 1-14, 2024.

CRUZ, Lucas Lopez. **As bonitezas do EJA**: dos compassos e descompassos que (re) formam a cultura escolar da EJA em uma escola de Canoas/RS-notas autoetnográficas. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

DE MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes. **Estética afirmativa**: corpo negro e educação física. 2. ed. Curitiba, PR: Appris, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista brasileira de educação**, n. 23, p. 75-85, 2003.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HOLT, Nicholas L. Representation, legitimation, and autoethnography: an autoethnographic writing story. **International journal of qualitative methods**, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2003.

LIMA, André Nicacio. **Muhammad Ali e o racismo nos EUA**. Direção, roteirização e montagem: Rolando Vezzoni. Autor: LIMA, André Nicacio. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M-XGkAVj1KI>>. Acesso em: 30 jun. 2025.





MARIANTE NETO, Flávio Py et al. Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana? **Revista brasileira de ciência do esporte**, v. 32, n. 2-4, p. 105-122, 2010.

NUNES, Luciana de Oliveira. “**Pedagogia da oprimida**”: o aprender da professora de Educação Física pela experiência autoetnográfica inspirada em Paulo Freire. 2024. 259f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2024.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SILVA, Eduardo Vinícius Mota E. I have a dream: discutindo relações étnico-raciais, educação física e esporte. In: FECHINE, Basílio Rommel Almeida et al. **Política e cultura em educação física, esporte e lazer**. Fortaleza, CE: IFCE, 2020.

PEREIRA, Roberto. **Rodas negras**: capoeira, samba, teatro e identidade nacional. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ROCHA, Leandro Oliveira et al. Autoetnografia crítica na educação física escolar: do estudo da experiência cultural à reconstrução da prática docente. **Movimento**, v. 29, p. 1-16, 2023.

ROCHA, Leandro Oliveira. **Reconhecimento intersubjetivo da multicultura corporal**: o reposicionamento da teoria crítica na educação física escolar na perspectiva de Axel Honneth. 2019. 286f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

ROCHA, Leandro Oliveira; DE ARAÚJO, Samuel Nascimento; BOSSLE, Fabiano. Autoetnografia, ciências sociais e formação crítica: uma revisão da produção 192 científica da educação física. **Revista internacional de formação de professores**, v. 3, n. 4, p. 168-185, 2018.

RODRIGUES, Renata Marques. “**Herança sem testamento**”: cultura, docência, planejamento e Educação Física. 2020. 239f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SOUZA, Cláudio Aparecido. **Paulo Freire, Frantz Fanon e a educação física popular decolonial**: uma autoetnografia na escola pública. 2021. 213f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

SPRY, Tami. Performing autoethnography: an embodied methodological Praxis. **Qualitative inquiry**, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001.

TIKHOMIROFF, João Daniel. **Besouro**. Direção: João Daniel Tikhomiroff. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NhrSlxqDSEw>>. Acesso em: 30 jun. 2025.



**Dados do primeiro autor:**

Email: coelhocardosomarcio@gmail.com

Endereço: Avenida Romeu Samarani Ferreira, 245, apto 102, Bairro Jardim Vila Nova, Porto Alegre, RS, CEP: 91750-740

Recebido em: 30/06/2025

Aprovado em: 30/07/2025

Como citar este artigo:

COELHO, Márcio Cardoso et al. Entre Muhammad Ali e Besouro “negras histórias” suprimidas no currículo da educação física escolar: notas reflexivas de uma autoetnografia crítica. **Corpoconsciência**, v. 29, e20021, p. 1-14, 2025.

